

Victor Aquino

UMA CARTA DO PASSADO

Contos Brasileiros

**instituto[®]
damoda**

UMA CARTA PASSADO

Victor Aquino

UMA CARTA PASSADO

2013

São Paulo

***in*stituto[®]
*da moda***

© Victor Aquino (Tupã Gomes Corrêa)

Uma carta do passado – contos brasileiros

1998, Instituto Literário

2013, INMOD

ISBN 978-85-87963-70-3

www.institutodamoda.org.br

*"Most of the things I did with her
partly in mind. And if I said or did
an inauthentic thing, I could almost
hear her groaning over my
shoulder. But now she's gone and I
really don't know how I'll get along
without her".*

*A. R. Gurney
"Love Letters"*

Uma carta do passado

Naquela noite gelada de dezembro, como fazia diariamente após o jantar, saí para minha caminhada noturna. Antiga recomendação médica ainda levada a sério. Ultimamente vinha me perguntando se ela continuaria sendo assim tão necessária. Acabara de completar os 58 anos e para mim nada havia de errado comigo. Mesmo assim continuava a fazer os longos passeios noturnos a pé.

Há intermináveis doze anos vivendo em Lichtenberg, longe dos raros familiares e dos poucos amigos que ficaram no Brasil, entretinha-me com um trabalho de escrever todos os dias durante horas. Sem outro lazer que não fora algum cinema e quase nenhum teatro, restavam-me essas caminhadas noite adentro. Até mesmo como diversão. Eu sabia que ela era motivo de muita curiosidade nas vizinhanças, mas já não me importava com isto.

Em volta da casa modesta em que morava há dois anos, alugada de uma companhia japonesa que começara a investir na Alemanha nos últimos tempos, conseguia ver no semblante dos que me olhavam um misto de surpresa, dúvida e curiosidade. Mas isto não chegava a me preocupar. Eu era o que era. Talvez um excêntrico, enxergado fora dos hábitos do local. E andava. A cada dia, fizesse pouco ou muito frio, eu andava.

Dali a três dias seria Natal.

As lojinhas do bairro estavam todas enfeitadas, como há séculos se fazia. Saindo de casa pela entrada que dava logo na

calçada da Karlstrasse, batia a porta e tomava a direção oeste. Depois de andar em linha reta por mais de trezentos metros, detinha-me por instantes em frente às vitrines dos dois grande magazines na esquina da Fischerplatz. Às vezes comprava uns doces. Em outras, tomava um café.

Contornando a antiga praça pela direita, sempre com os seus bancos vazios, cruzava a ruela do lado oposto, passando pela igreja de Santo Agostinho. Há doze anos, na repetição do mesmo ritual, sempre me imbuía do propósito de ali voltar durante o dia e entrar para uma visita ao templo histórico. Mas acabara nunca logrando cumprir o propósito.

Depois de andar por mais de hora e meia, sempre voltava para casa pela via que margeia a linha do trem, paralela a minha rua, retornando dois quarteirões abaixo e chegando em casa pelo leste. Durante todos esses anos a única coisa que costumava quebrar minha rotina eram os dias que antecediam o Natal.

Invariavelmente, em cada uma dessas noites frias, mas alegres, um tanto barulhentas para os costumes locais, costumava ocorrer uma série de fatos um tanto fora do ritmo da cidade. Grupos de crianças, acompanhados de pais ou familiares mais velhos, sempre mais para apáticos do que entusiasmados, entravam e saíam das lojas de brinquedos numa algazarra própria da época, demonstrando essa secular alegria que acontece na data.

Nesse tempo, fosse a noite da véspera de Natal, ao cruzar a praça, sempre encontrava por ali uma velha senhora, tão idosa quanto malvestida, com um tabuleiro de docinhos secos aúcarados, cantarolando num idioma pouco comum à região. Chamava-se Natascha. A pobre mulher costumava então contar verdadeiros prodígios sobre os docinhos que ela própria preparava para vender naquelas noites, afirmando que eles realizavam maravilhas para quem os comia no dia de Natal.

Nunca comprei nenhum. Passava diante do tabuleiro, ela sorria para mim e continuava a cantarolar. Entremeava as can-

tigas na bizarra língua nativa com frases desconexas num alemão malpronunciado, única forma talvez de anunciar o seu produto.

Aos poucos, ao longo dos anos que passei na região, fiquei sabendo que ela seria húngara de nascimento. Contudo, havia os que diziam que ela viera da antiga Tchecoslováquia, no final da década de 80, mas que antes também vivera na Polônia. Para mim tanto fazia. Pouco afeito ao contato com pessoas daqueles lados, podia ser que ela fosse até mesmo russa. Havia porém um jeito doce e enigmático que me atraía nela, mas que ainda assim me mantinha distante.

Contavam-se muitas histórias a seu respeito. Houve até quem me garantisse que ela era de fato russa. Seria mais uma descendente de uma família de nobres, perdida na miséria e na desilusão de um mundo que há muito tempo acabara. Mas isso, naturalmente, podia ser decorrência da febre de lendas e casos nebulosos que costumavam acompanhar pessoas humildes e sozinhas, no começo do século XXI, vindas daquele canto do mundo.

Quase sempre havia uma relação entre fracassos pessoais e a falência dos regimes políticos do leste. Praticamente todo o mundo daquelas bandas trazia o estigma de alguma perseguição política, de algum insucesso financeiro ou de uma aventura qualquer malsucedida. E com a velha Natascha não podia ser diferente.

O que mais chamava a atenção, contudo, era o fato de só se encontrar a sua estranha figura na noite da véspera do natal. Nem um dia a mais, nem um a menos. Nunca. E, depois, passar-se o ano inteiro sem vê-la. Era curiosamente estranho que todas as pessoas, embora sabendo desse particular sem jamais terem tido a menor idéia de onde ela morasse, com quem viveria, de que sobrevivia, não se espantassem sequer ao reencontrarem-na a cada ano. Sempre na véspera de Natal.

Tanto, que eu próprio também acabei me acostumando

com esse fato e, até certo ponto, comecei a achar o episódio uma coisa muito natural. Quase como um detalhe da paisagem que deve integrar determinada cena. Por assim dizer, parte de uma tradição do lugar.

Nunca vira ninguém comprar os seus docinhos. Mas, a cada ano, lá estava a velha Natascha com os seus vestidos cheios de remendo, tiritando de frio, com o mesmo sorriso no rosto, cantarolando na sua língua estranha e anunciando os prodígios de seus manufaturados caseiros, ordenadamente dispostos no tabuleiro improvisado sobre aquilo que fora uma caixa de frutas.

Foi desse modo que ao entrar na praça naquela noite, deparei-me consigo na mesma situação em que sempre a tinha visto nos últimos doze anos. Ali estava aquela senhora antiga, tão cheia de mistérios, com o sorriso, a cantiga, os trapos e o tabuleiro inconfundíveis, balbuciando o anúncio dos doces como se fosse uma prece.

Num momento, fui tomado de estranha compulsão. Enfie a mão no bolso, colhi as poucas moedas que me tinham sobrado de troco do café recém-tomado. Estendi maquinalmente o braço em sua direção, depositando os trocados sobre o tabuleiro e recolhendo o pacotinho artesanal cheio de bolinhas açucaradas. De um modo quase mecânico, continuei andando pelo caminho de costume, sem olhar para trás.

Durante muito tempo ainda continuei ouvindo seu cantarolar. Por um momento, tive a impressão de ouvir algum tipo de agradecimento numa língua qualquer que eu não conseguia entender. Mas tive a certeza de ouvir claramente, embora a pronúncia difícil, a recomendação de apenas comer os docinhos na véspera de Natal. Segundo as palavras malpronunciadas, eles realizam até mesmo desejos que nunca ousamos confessar.

Quase duas horas depois entrei em casa. O telefone tocava. Atendi. Era o Luís Guilherme de Carvalho Antunes ligando do Brasil. Queria mais informações sobre um conjunto

de escritórios na avenida Paulista, onde durante muito tempo manteve pequeno negócio de importação. O Luís Guilherme já adquirira outra de minhas propriedades: uma chácara em Piracaia. Ele, como outros dois velhos amigos, o Tuca Vasconcellos e o Fernando Chaves, estavam muito interessados nesse outro imóvel.

Os dois últimos, aliás, sempre acabavam se desentendendo com minha irmã mais nova e procuradora, por conta de preço e prazos de pagamento. Todos, no entanto, conhecidos dos tempos de universidade, há muito mantinham relações comerciais e de amizade comigo. Mas não passavam de três crianças grandes. Embora “criança” não fosse o termo mais apropriado nesta fase de nossas vidas.

Lembro-me da vez em que o Luís Guilherme estivera na Alemanha. Hospedado em minha casa na temporada de Natal da virada do século, quando a Europa toda começava a apresentar os primeiros resultados da unificação, passava os dias num ir e vir frenético, embastrado com as novidades e o progresso daquela boa época. Perdia horas e horas nas diversões eletrônicas, comia doces, perambulava pelos parques e se entusiasmava com tudo que para ele era novo. Nem parecia na época o cinquentão que já estava se tornando.

Quando tirei o telefone do gancho, a primeira coisa que ele falou dizia respeito à viagem que fizera pela Alemanha em minha companhia. Indagava do “reumatismo”. Mas não da maneira como pessoas de mais idade costumam se referir a esses assuntos, de um modo choroso e angustiante.

Tudo para ele tinha o tom da brincadeira. Questionou sobre o imóvel. Se era de fato intenção minha vendê-lo, pois minha irmã estava sendo irredutível quanto à forma de pagamento. Comentou sobre os doces, as paisagens, o frio e a umidade de Lichtenberg. Por fim, após os intermináveis minutos que sempre gastava nas suas ligações internacionais, perguntou de minhas caminhadas.

Disse-me que apreciaria muito passar mais este Natal em minha companhia. Como da outra vez. Mas o casamento da filha, em novembro último, tinha deixado o meu amigo brincalhão em momentâneo aperto financeiro, impedindo-o de viajar. Lembrou ainda de nosso passeio noturno na véspera de Natal e, naturalmente, também da velha Natascha, por quem tinha ficado sobremaneira impressionado.

No momento em que rememorou a caminhada da véspera de Natal naquele ano, coincidentemente lembrando a estranha senhora, mentalmente comecei a perceber que havia algo de errado. Sem me dar muito pelas razões dessa suspeita, comecei a sentir instintiva preocupação.

De um modo bastante automático, enquanto segurava com a mão esquerda o telefone, voltei a cabeça para o lado direito, olhando em direção ao canto oposto da sala. Próximo à porta de entrada, sobre pequeno móvel provido de cabideiro para chapéus e agasalhos, velho aparador de embuia já lascada, junto às chaves, porta-notas e algumas coisas que sempre trago da rua, também restava o pequeno embrulho recém-adquirido no tabuleiro da velha húngara.

Sim, era isso. Havia algo errado com a senhora Natascha. Se durante tantos anos sua aparição sempre ocorrera exatamente na noite da véspera de Natal, por que terá sido que desta vez ela saíra para a rua duas noites antes?

Entre as frivolidades de sempre e as despedidas típicas do Luís Guilherme, ao desligar o telefone alguma coisa começava a se formar em minha mente. A inquietação crescia na proporção em que uma interrogação continuava a me perturbar. Nesses lugares onde nada acontece por acaso, e onde nada deve estar fora de lugar, não se permite aceitar a quebra de costumes e tradições, ainda que estas nada tenham a ver com a gente.

Tanto me sentia angustiado, que saí imediatamente para a rua, deixando a porta da casa aberta e caminhando célere em direção à Fischerplatz. Sem percorrer o mesmo caminho, an-

dando quase que sempre em linha reta, em poucos minutos encontrava-me outra vez na praça, agora deserta. Nada encontrei.

A cidade absolutamente vazia, a praça totalmente quieta, sem nenhuma alma e nem um sinal de Natascha. Quase meia-noite. Com certeza já tinha ido embora, fugindo ao frio, então mais forte. Talvez já tivesse se recolhido, preservando a idade e a saúde, nos idosos sempre tão mais vulnerável.

Voltei, de igual modo, pelo caminho mais curto. Até que cheguei rápido demais. O vento noturno do inverno gelara os poucos cômodos da modesta residência. Bastaram menos de dois quartos de hora para que a casinhola ficasse como uma geladeira. Embora a primeira preocupação fosse aquecer-me, não podia parar de pensar naquela inesperada quebra de rotina, de mais de uma década de fatos iguais. Uma alteração de calendário que, de algum modo, também me dizia respeito.

Afinal, pela primeira vez eu adquirira os docinhos daquela velhinha. Lá continuavam eles. Sobre o aparador estavam e ali ficariam.

Tive muitos pesadelos à noite. Uma série de sonhos dos quais não conseguiria lembrar na manhã seguinte. Apenas, que acordara por duas vezes durante o sono. De uns tempos para cá não consigo mais dormir como no passado.

Tenho dormido pouco. Cada vez menos. Insônia típica da idade, mas que em nada me atrapalha. Depois de algum tempo, aprendi a conviver com ela. Por outro lado, sonhar, ter pesadelos, tem sido quase uma raridade. Por essa razão, quando acordei pela manhã, não me sentia bem. A mesma angústia com a qual fora me deitar me acompanharia ainda por algumas horas.

Quando decidi me radicar em Lichtenberg, alguns anos após a queda do muro e do início da unificação continental, a cidade ainda não estava totalmente ligada a Berlim, integrando-se à grande metrópole como agora, parecendo uma coisa só. Apesar de continuar mantendo vida própria, a interligação aca-

bou por confundir incautos turistas nesse arremedo de bairro populoso do extremo leste da cidade.

Talvez tenha sido esta a razão pela qual eu sempre tenha me sentido um pouco isolado da vida boêmia e cosmopolita da grande capital. Talvez tenha sido por isso também que eu sempre tenha me sentido inclinado a dar um valor demasiado aos sinais urbanos característicos da localidade. A velha Natascha, por exemplo, era um desses sinais.

Assim, ao acordar na manhã seguinte, impressionado com o acúmulo de pesadelos, tão cheios de argumentos desconexos e sem uma aparente explicação para a emergente simbologia que deles costuma decorrer, continuava a pensar compulsivamente no episódio que desde a noite anterior transtornara um modo de ser antigo, pessoal e que me fazia viver num sossego aparente, garantindo a paz entre mim e os motivos urbanos que me cercavam.

Desde quando, tendo adquirido os docinhos húngaros, dei-me conta de que algo estava fora de seu eixo natural, passei a ser mortificado por uma série enorme de antigas lembranças, as quais imaginava sepultadas para sempre.

Veio-me à memória, entre outras coisas, um passado longínquo. Com ele, retornaram as cenas de uma juventude e um tempo há muito perdidos, de uma família várias vezes refeita, os anos de faculdade, os velhos amigos. A maioria destes, então, já se perdera. Um universo enorme de coisas boas e ruins acontecidas existência a fora. Coisas que tinham sido parte de mim e que, ao abandonar o país, foram definitivamente depositadas no mais fundo baú, onde se guarda tudo aquilo que não se quer mais lembrar.

Não sei por qual razão, tão logo preparei meu chá matinal com leite, ainda bem antes das nove, senti uma vontade incrível de bebericar o velho licor de amêndoas que trouxera da Holanda, no verão anterior.

Ao buscar a garrafa, porém, percebi que o precioso líqui-

do tinha acabado. Transformara-se em algo sugestivamente sólido. No fundo opaco da garrafa de gargalo fino, restava apenas uma imensa crosta de puro açúcar endurecido. O resto da última dose não tomada perdera-se para sempre.

Com a garrafa na mão, olhando a xícara de chá esfriando, por alguns instantes fiquei imaginando as inúmeras vezes em que deixei de aproveitar alguma coisa por querer conservá-la para as ocasiões especiais.

Tomei meu desejo. Agasalhei-me e saí. Tinha que resolver problemas relacionados ao imóvel em que residia, pagar contas de lavanderia e encomendar um novo terno. Aparentemente pouca coisa, mas que acabou me consumindo o dia inteiro.

Entre a lavanderia e o alfaiate, lembrei-me de um pequeno acerto bancário sobre remessa de valores vindos do Brasil, até então não depositados em minha conta corrente. Pequena e sugestiva situação, quase comum nos últimos tempos, em que volta e meia me consome duas ou três manhãs.

Retornei já bem tarde, trazendo como sempre faço o lanche de pernil defumado. Só muito depois, quando já estava me preparando para comer o grande sanduíche de pão preto com as generosas fatias do embutido de minha preferência, foi que me dei conta das preocupações da véspera.

Há muito leio os jornais à noite, depois de me livrar de tudo o que tenho para fazer. Normalmente os leio antes de jantar. Só bem depois de me ter entretido com as notícias do dia é que janto e saio para a caminhada noturna.

Ao voltar para casa no entardecer, no entanto, deixei de lado a pequena pilha de jornais, a correspondência que chegara antes de mim e, quase sem o perceber, devorei o sanduíche. Estava imerso em um quase torpor que me dava a sensação de um transe, de um alheamento. Sentia-me como se estivesse num estado de semiconsciência, perdido em algum tipo de meditação, sobre a qual eu também não tinha o menor domínio.

Natascha, a velha húngara, finalmente conseguira. Quantos anos de mera contemplação. Bastou porém que eu me deixasse envolver por ela, adquirindo seus tão propalados “docinhos”, para perder completamente a noção de domínio sobre meus atos e pensamentos. Tão logo percebi que acabara de ingerir completamente o meu lanche predileto, e que nada mais restava a fazer senão seguir a rotina, agasalhei-me e saí para a rua. Ainda não anoitecera completamente.

Tinha a intenção de tomar um café no Dobert, nas imediações da Fischerplatz. Ignoro a razão, mas ao chegar à confeitaria meu primeiro impulso foi tomar um trago de licor de amêndoas. Até olhei para os doces, indeciso quanto àquele que faria acompanhar o líquido dourado. Mas desisti. Contentei-me com uma pequena xícara de café colombiano e uma tacinha do licor amarelo vibrante.

Sentado à pequena mesa redonda de mármore branco, fui sorvendo um e outro, não me importando com mais nada, tão pouco com aquela sensação de quase ausência de mim. Pensando em nada, não percebi o tempo passar.

Fui como que despertado, momentos mais tarde, pela voz de uma mocinha que, junto ao caixa, indagava do montante de sua despesa. Chamou-me a atenção quando ela pedia para acrescentar à conta um pacotinho de “doces húngaros”...

Olhando em sua direção, vislumbrei entre seus dedos o pequeno invólucro, bem diferente do que eu adquirira na noite anterior no tabuleiro da velha Natascha. Não dava para ver o conteúdo, mas se via que os pequenos torrões açucarados eram diferentes. Dirigi-me ao caixa e declarei minha consumação. Enquanto retirava o dinheiro do porta-notas, apontei para os pacotinhos de doce, indagando ao funcionário do que eram feitos. Laconicamente, ele me respondeu que de açúcar preto.

Saindo à rua, percorri instintivamente o restante do caminho até a Fischerplatz. Como um autômato, circudei toda a sua extensão perimetral por duas vezes e por três cruzei o seu

interior. Com exceção de alguns rapazes com volumosas mo-chilas às costas, falando provavelmente dinamarquês, não vi mais ninguém. Nem sinal da velha húngara.

Voltei para casa.

Sem excluir outra possibilidade, decretei em minha mente que houvera algo de muito importante para que aquela senhora rompesse um costume de muitos anos. De igual modo, aos poucos naquela noite, fui sendo abandonado pela preocupação que tanto me atormentara até então.

Depois de ler alguns jornais, deixei-me entreter pelos programas de sempre na televisão. Já bem tarde e ainda sem sono, senti novamente vontade de bebericar um licor. Mas me esquecera de que tinha acabado. As preocupações bancárias, que consumiram minha atenção durante o dia, fizeram com que não me lembrasse de comprar nova garrafa. O que eu o faria no dia seguinte. Sem falta.

Permaneci algum tempo a indagar-me sobre essa velha predileção. A muitos de meus antigos companheiros isto não passava de excentricidade. Alguma coisa que eu desenvolvera para, na opinião da maioria deles, chamar a atenção. Mas o tempo se fora e eu insistia em conservar o mesmo hábito. Afinal, dava-me prazer incomum sorver, aos poucos, aquele líquido denso, cristalino, adocicado.

Muitos anos antes, bem mais de trinta, ainda na faculdade, enquanto a maior parte dos contemporâneos tomava cerveja, vinho, uísque ou aquelas misturas de água-ardente com açúcar e limão amassado, eu já me habituara aos licores. Muitas vezes ficava a me interrogar sobre a acentuada preferência pelo licor de amêndoas. Não conseguia lembrar com precisão sobre as razões dessa preferência.

Pensando nisso, acabei retornando muitos anos no tempo. O último ano de faculdade, onde permanecera mais da minha vida do que realmente precisava, descortinou-se com extraordinária nitidez. Com ele, voltaram-me à memória os colegas de

classe e os demais, a escola inteira, naqueles anos doidos movidos por cega cólera de intolerância. Um período da história que eu próprio fazia questão de não mais lembrar.

Os anos da ira, do ardor profundo com que a maioria se via bater por ideal quase abstrato, na vã tentativa de corrigir as mazelas do país e as chagas do mundo. Anos em que espremido entre dois lados, deixava-me arremeter por dúvidas, que anos depois acabaram se transformando em desencanto, em tantas frustrações. Lembro-me de que ao completar os dez anos da minha formatura, tive a nítida impressão de que o certo de hoje é o errado de amanhã. Não raros foram os colegas que, depois de se martirizarem por uma causa considerada perdida, tornaram-se empresários de sucesso, praticando tudo aquilo que condenavam.

Terá sido naquele cenário que comecei a tomar gosto por esse gênero de bebida, o licor. Cenário controvertido, em que havia lugar para as angústias da idade e os devaneios da juventude. Muitos terão sido os companheiros mais próximos. Contudo, ninguém foi tão próximo quanto Agnês. Uma amizade desenvolvida no convívio diário das aulas, aos poucos transformada na estreita relação de sôfrega busca e mútuo encontrar.

Enquanto os dias passavam, principalmente no último ano da faculdade, entre greves e manifestações estudantis, para ambos distantes, consumíamos-nos pelo arrebatamento de desenfreado envolvimento. No caminho, que separava a casa dela e a minha da faculdade na Cidade Universitária, em São Paulo, existia muito mais que paisagem e atrativos urbanos de lanchonetes da moda, *shopping centers*, boates, bares aconchegantes, cinemas, teatros e butikues. Éramos dois em um, voltados unicamente para um mesmo mundo compartilhado.

Mundo que começava e se resumia no extenso apartamento que o pai adquirira para ela como prêmio por ter passado no vestibular três anos antes. Mundo em que os devaneios, as buscas um do outro, insistiam em manter os dois a confortá-

vel distância dos problemas políticos da época.

Passávamos tardes inteiras envolvidos um com outro, a comer *petits-fours* e a bebericar licores. Até que um dia chega a notícia de que um parente dela, detido por questões políticas, amanhecera morto numa repartição policial. Lembro-me de que havia uma versão oficial de suicídio. Episódio que alteraria o rumo de nossa relação.

Inúmeros colegas de faculdade, como vários professores da universidade e tantos conhecidos, já tinham sido presos. Muitas eram as histórias a respeito. Inclusive, as de morte e tortura. Ainda assim, nenhuma notícia anterior abalara tanto. Afinal, o pequeno mundo dos dois continuava preservado. No entanto, o caso pessoal, envolvendo o primo distante, talvez por aproximar demais a realidade cruel até então convenientemente afastada por ambos, como costumam afastar-se do perigo os avestruzes, acabaria por mudar de maneira repentina o rumo de um convívio tão especial.

Abruptamente, a um mês da formatura, ocorreu a separação. Aos poucos, foram acabando os encontros e, rareados os momentos juntos, a vida impôs que nos tornássemos um estranho ao outro.

Quase nada soube dela depois. A única coisa que restou durante muito tempo terá sido um sentimento de desassossego, de perda completa da esperança e a mágoa de sentir a traição pela decorrência da história.

No princípio, passados um ou dois anos, ainda tinha a nítida sensação de que voltaria a rever Agnês. Depois, cinco a dez anos à frente, isso começou a parecer remoto demais. No entanto, insistia em alimentar inconscientemente a vontade de revê-la. Até que um dia, deparando-me com a insistência irracional dessa lembrança, deliberei varrê-la de vez da memória.

O que, aliás, era o que eu deveria ter feito de novo. Um assunto transformado em tabu, que não podia outra vez tornar a assediar minhas lembranças. Cheguei a achar engraçado isto

voltar a me perturbar tantos anos depois.

Escureci a casa e fui deitar.

O dia seguinte, véspera de Natal, impunha muitas providências. Acordei um pouco mais tarde do que o costume, preparei meu chá com leite e procurei sair logo de casa. Entre outras coisas, precisava acertar o roteiro de uma viagem à Noruega e à Islândia, que eu faria antes do Ano Novo. Tinha que chegar cedo à agência de viagens. Até porque depois das duas da tarde quase nada funcionaria.

Passei pela igreja de Santo Agostinho e, uma vez mais, interroguei-me sobre as razões que nunca me deixaram ir até lá durante o dia. Igual a esta vez, só que novamente sem a menor condição de entrar.

Estive fora de casa até por volta das quatro da tarde. Retornando, passei na Peters, onde após tomar um café comprei alguns doces, dois grandes pães e um gigantesco farnel de cabrito. Algo assim como uma grande empada e um grande sanduíche. Cheguei a me indagar por que eu estava comprando tanta coisa. Principalmente os pães.

Paguei e estava para sair quando, ao olhar por sobre as gôndolas da parte de trás do balcão, divisei inúmeras garrafas de licor. Escolhi a maior delas: de amêndoas açucaradas.

Com os pacotes da confeitaria, dois livros e algumas revistas, cheguei em casa. Na pequena caixinha onde o carteiro costumava deixar a correspondência havia alguns cartões e um grande envelope de papel pardo. Todos com selo do Brasil. Entrei.

Passei o restante da tarde ocupado em preparar as malas. De igual modo, tomei providências relativas ao período que passaria fora. Dei alguns telefonemas, para o alfaiate, a lavanderia, o dentista e para o rapaz que digitava meus manuscritos.

Enfim, a noite chegou.

Já me preparava para o lanche especial natalino, quando me dei conta de que os dois últimos dias tinham sido terrível-

mente enigmáticos. Voltaram a minha mente as últimas noites, povoadas de ansiedade, angústia e pesadelos. Embora não me lembrasse de nenhum deles durante o sono da noite anterior, tinha a nítida certeza de que também os tivera.

Tinha agora a certeza de que tudo acontecera por causa do inesperado contato com a velha Natascha. Sim. Esta era a noite do ano em que ela sempre aparecia com os seus docinhos açucarados, cheios de mistérios e augúrios.

Não podia continuar com aquilo. Vesti o capote e saí para a noite gelada. Andei rápido até a Fischerplatz. A noite, por ser a da véspera de Natal, embora fria, estava povoada de gente. Talvez gente em busca do endereço da festa com a família, com os amigos, com colegas ou conhecidos. Com exceção desses passantes, que a cruzavam em todas as direções, a praça estava completamente vazia. Nem sinal da velhinha húngara.

Eu não queria, mas minha cabeça não parava de me torturar. Lentamente, comecei a andar de volta para casa. Durante todo o trajeto, como num videoteipe, em cada detalhe que compôs o meu curtíssimo contato com a estranha doceira, a florava a expressão de mistério e enigma com que ela me fitara por brevíssimo instante havia duas noites.

O palavrório ininteligível, a cantilena dolente, as expressões de boa-sorte, fartura, felicidade e coisas assim, daquela senhora anunciando seus doces, lentamente tomavam forma em minha mente, de maneira cada vez mais nítida. Uma imagem de mais de dez anos que estava se conjugando num curto, porém significativo contato com aquela pessoa.

Já entrando outra vez em casa, comecei a ter nítidas em mim as últimas palavras que dela ouvi. Qualquer coisa como a realização de todos os desejos, por mais inconfessados que fossem, por mais longínquos ou mais antigos que estivessem. Expressões imortalizadas na literatura água-com-açúcar, como chamávamos há muito tempo, e que para mim nada mais significavam além da retórica de uma literatura juvenil praticamente esquecida.

Montei a pequena ceia individual de celebração solitária do meu Natal. O farnel, os pães, os doces e a garrafa de licor. Lembrei-me da correspondência chegada do Brasil. Deixara os cartões e o grande envelope pardo sobre o aparador de embuia lascada.

Fui buscá-los.

Ao lado das chaves, do porta-notas e de algumas anotações colhidas ao acaso nas minhas saídas diárias, estava a correspondência. Estava também o pequeno invólucro com os docinhos adquiridos da velha Natascha, até então intactos. Levei-os para a sala com a correspondência.

Abri os cartões. Amigos de longa data desejavam boas-festas. Estava para abrir o grande envelope pardo quando, ao olhar entre os pães e doces, vislumbrei outra vez o pacotinho com os doces húngaros. Abri-o. Provei um deles. Puro açúcar. Começava a me arrepender por tê-los comprado. Desenvolvi a garrafa do licor de amêndoas, servindo-me do primeiro trago. Senti vontade de mordiscar outro dos docinhos superdoces. Rasguei o grande envelope.

Uma carta de minha irmã e procuradora acompanhava alguns documentos antigos e sem qualquer importância. Eram fotografias de difícil identificação e mais uma razoável quantidade de pequenos objetos. Antigas fotos de almoços de negócios, alguns contratos vencidos e *souvenirs* colecionados ao longo dos anos em que trabalhei no comércio.

Minha irmã explicava na carta que resolvera esvaziar e limpar o escritório da avenida Paulista para tornar mais fácil sua venda. Dentro havia também um pequeno envelope, selado e ainda lacrado, que fora endereçado para o escritório há quase um ano.

O envelope de carta, endereçado com caligrafia cuidadosamente desenhada, apesar da data de postagem já bastante antiga, não fora violado. Minha irmã escrevia no lacônico bilhete que estava encaminhando tudo aquilo, porque imagina-

va ser coisa pessoal. Explicava que havia uma carta que, por estar sem remetente, imaginava não ser urgente. Razão pela qual não o violara. Enviava-me agora para eu ver se, de fato, era ou não importante. Coisas de minha irmã. Imaginei que se tivesse sido importante já não o seria mais.

Abri o pequeno envelope.

Tullio:

*Talvez você ache estranho eu estar escrevendo. Passou muito tempo desde que a gente se viu a última vez. Sempre esperei que a vida nos aproximasse de novo. Por acaso, descobri seu endereço numa lista telefônica. Endereço comercial, talvez. Tentei telefonar várias vezes, mas uma gravação diz que você está viajando. Quando você voltar vai receber esta carta. Tenho muita vontade de rever você. Vivi muito tempo na Bélgica. Minha filha casou no ano passado e quase sempre vou a São Paulo para ver meu netinho. Desde que retornei ao Brasil, moro em Minas. Meu endereço é rua Lima Barreto, 57, apto. 2, bairro da Nova Floresta, Itajubá.
Até qualquer dia,*

Agnês

109 Subitamente perdi a fome. Os docinhos húngaros da velha Natascha tinham acabado. Ingerira quase meia garrafa de licor. Também começava a perceber que não viajaria mais à Noruega e à Islândia depois do Ano Novo.

ISBN 978-85-87963-70-3



9 788587 963703 >